

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem por objectivo contribuir para uma maior tomada de consciência de que as colecções de um museu devem ser tratadas com diversos cuidados, sem os quais rapidamente essas colecções, que na maior parte das vezes foram recolhidas com muito zelo, empenhamento e participação, correm o risco de se tornarem num conjunto de objectos, dispersos, sem memória (memórias) , deteriorando-se ao ritmo dos anos que passam.

Esses cuidados têm a ver por um lado com a conservação, que é complexa devido a muitos factores, como sejam a diversidade dos materiais que compõem os objectos, a sua própria fragilidade, as condições de arrumação e de climatização tão difíceis de criar nos pequenos museus, pois envolvem conhecimentos e recursos difíceis de obter.

Por outro lado a inventariação de uma colecção é uma tarefa que exige continuidade e uniformidade de critérios. Neste campo a informatização de uma colecção pode ser um meio de registar um conjunto de informações sobre os objectos de uma colecção de forma eficiente e fácil de manusear

Acontece porem que os programas informáticos com os quais são criadas as bases de dados orientados para os museus e que existem á venda no mercado especializado, são pensadas para as grandes instituições museológicas, partindo do princípio que estas dispõem de recursos financeiros e humanos .

Estes programas custam centenas e na maior parte das vezes milhares de contos, para a sua aquisição e implicam depois a formação de pessoal especializado para a sua manipulação e manutenção. Contemplam múltiplas capacidades e exigem o preenchimento de centenas de informações sobre cada um dos objectos. Na verdade nada temos contra este tipo de programas pois dão na generalidade resposta as necessidade dessas instituições.

Sobre o assunto pode consultar-se a documentação preparada pelo Rede Canadiana de Informação sobre o património CHIN <http://www.chin.gc.ca/> . Aqui se encontra uma avaliação detalhada

que resulta do exame cuidadoso de inúmeros programas para gestão de colecções realizada por uma vasta equipe de especialistas, mas também a confirmação de que estes programas não estão ao alcance dos recursos dos nossos museus locais.

Por seu lado o ICOM - Conselho Internacional dos Museus - através do Comité Internacional para a Documentação CIDOC, tem vindo a produzir estudos, propostas e orientações particularmente durante a década de 90 neste domínio. Consulte-se a documentação produzida pelo Grupo de trabalho para as colecções Etnográficas, pelo Projecto AFRICOM, ou pelo projecto Internacional para a normalização da documentação e protecção dos objectos culturais em colaboração com o Instituto Getty para a Conservação.

Apesar de todo o esforço desenvolvido, na verdade ainda não foi possível adoptar orientações gerais consensuais, devido à complexidade das questões levantadas e que tivessem dado origem a programas adaptados a nossa realidade museológica composta maioritariamente por pequenos museus

As diferentes formas de museologia desenvolvidas por todo o país em particular depois do 25 de Abril permitem afirmar que paralelamente aos museus de Estado, vieram à luz do dia centenas de processos museológicos por iniciativa do movimento associativo cultural e ecológico e do poder autárquico reforçado nas Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia.

São dezenas de milhar de pessoas que de formas diferentes e mais ou menos elaboradas ou teorizadas, encontraram na museologia o meio privilegiado de expressão sobre questões de tantos patrimónios - histórico, arquitectónico, linguístico, arqueológico ou antropológico num contexto de valorização e identificação das especificidades e competências locais.

Trata-se sem dúvida de processos museológicos, permanentes ou intermitentes, criativos ou reprodutores de modelos, conservadores ou participantes no desenvolvimento das comunidades que lhes dão vida.

Trata-se de uma museologia no essencial pobre, em recursos financeiros e saberes sofisticados e que tantas vezes também é marcada por ideologias e paradigmas desfasados.

Mas trata-se também, de uma museologia que exprime a cultura do nosso tempo, a cultura das misturas, expressão de uma sociedade em mudança.

Neste contexto julgámos que faria sentido desenvolver um projecto que tivesse como objectivo a criação de um programa informático e que facilmente pudesse ser implementado nos nossos museus. O projecto InfoMusa deveria responder aos seguintes critérios:

- \* Ter em consideração as orientações do CIDOC.
- \* Utilizar os recursos correntes no que respeita a equipamentos informáticos, sistemas operativos, e programas para criação de bases de dados.
- \* Ser de fácil manuseamento e instalação.
- \* Ter o menor numero possível de campos a preencher garantindo no entanto a gestão funcional das colecções.
- \* Garantir a sua evolução e compatibilidade com outros programas de bases de dados e colocação na Internet.

Neste sentido a InfoMusa reúne 30 campos distribuídos por 8 agrupamentos

### 1 - A gestão

Nº de inventário<sup>1</sup> dado pelo responsável pela inventariação

Outros números<sup>2</sup> para quando se trata de colecções já anteriormente tratadas de forma incompleta

Objectos relacionados<sup>3</sup> para quando se justifica associar objectos ou parte de um mesmo objecto

Nome do Objecto<sup>4</sup> de preferencia indicado segundo o uso local

## 2 – Forma de entrada no museu

Modo de aquisição<sup>5</sup> : Compra, Legado, Escavação arqueológica, Oferta e Outro

Anterior proprietário<sup>6</sup> : identificação, morada etc

Data<sup>7</sup> de entrada no Museu

## 3 – Descrição

Material<sup>8</sup> ou materiais que o compõem.

Identificação por dimensões

Altura<sup>9</sup>

Largura<sup>10</sup>

Comprimento<sup>11</sup>

Diâmetro maior<sup>12</sup>

Peso<sup>13</sup>

Imagem<sup>14</sup> fotografia ou desenho digitalizado

Localização da imagem previsto para negativos arrumados em folhas normalizadas para este fim

Numero<sup>15</sup>

Linha<sup>16</sup>

ou ficheiro informatizado

Nome do ficheiro<sup>17</sup>

Pasta/Caminho<sup>18</sup>

Inscrições<sup>19</sup> quando existam no objecto

Estado de conservação<sup>20</sup> Bom, Razoável, Mau segundo apreciação do responsável pela inventariação

## 4 - Recipiente ou lugar onde o objecto esta colocado

Localização no museu<sup>21</sup> Caixa, Prateleira, Vitrine com indicação do

Número<sup>22</sup>

Outra<sup>23</sup> no caso de exposição, empréstimo etc..

## 5 – Documentação

**Descrição<sup>24</sup>****Ref. Bibliograficas<sup>25</sup>**

para melhor descrição e indicação de referencias bibliográficas

**6 – Possibilidades de agrupamento**

A definir pelo responsável pela inventariação. O InfoMusa apresenta duas possibilidades

**Colecção<sup>26</sup>** segundo a composição do acervo agrupamento temático etc.

**Profissão<sup>27</sup>** em que o objecto era utilizado

**7 – Informações sobre o registo****Inventariado por<sup>28</sup>****Data de registo<sup>29</sup>**

indicação do nome do responsável pela inventariação e data de criação do Registo

**8 – Informação complementar**

**Observações<sup>30</sup>** para complemento de cada campo

Naturalmente que a InfoMusa se baseou no conhecimento que o centro de estudos de Sociomuseologia foi adquirindo ao longo de anos sobre a realidade museológica nacional e por isso mesmo temos consciência de que o programa agora divulgado apenas pretende dar uma solução aos problemas maiores da informatização das colecções de museus sem que isso bloqueie a migração para programas mais sofisticados, se para tal houver recursos disponíveis e o investimento for justificado.

Na verdade não devemos esquecer que um Museu não é apenas uma colecção, um edifício e um publico mas sim um recurso de desenvolvimento bem mais abrangente onde os objectos devem ser sobretudo formas e meios de comunicação ao serviço de ideias.

A informatização não é um fim em si mesmo, mas tão somente uma ajuda ao trabalho do Museu e á definição dos seus planos de actividades. A informatização contribui para a segurança das colecções, apoio à cooperação entre instituições para fomento da investigação e também para a montagem de exposições que utilizem os recursos reunidos nos acervos sobretudo se pensarmos com Michel Thévoz, que:

*"Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refractária da ignorância: a ideia pré - concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar - no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum ( do banal). No entanto também é certo que uma exposição que procuraria deliberadamente escandalizar traria, por uma perversão inversa o mesmo resultado obscurantista que a luxúria pseudo - cultural. ... entre a demagogia e a provocação, trata-se de encontrar o itinerário subtil da comunicação visual. Apesar de uma via intermédia não ser muito estimulante: como dizia Gaston Bachelard, todos os caminhos levam a Roma menos os caminhos do compromisso."*( Michel Thévoz, 1984, p. 167. )<sup>1</sup>

Mário Moutinho

---

<sup>1</sup> THÉVOZ, Michel, *Esthétique et/ou anesthésie museographique, Objets Prétextes, Objets Manipulées*, Neufchatel, 1984, p. 167.